DISCURSO DO PARANINFO DA TURMA DE 1977, PROF. CELSO DUVIVIER DE ALBUQUERQUE MELLO, NA SOLENIDADE DE FORMATURA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COMÉRCIO EXTERIOR

O discurso do paraninfo é tradicionalmente um agradecimento e, ao mesmo tempo, mensagem de otimismo. Se a primeira parte posso atender com a maior emoção, no tocante à segunda o farei com dificuldade.

O professor escolhido para ser paraninfo de uma turma se interroga por que foi ele o indicado. O que fez para merecer esta honra? Seja qual for a resposta, surge sempre a gratidão e a turma torna-se inesquecível para ele. Agradeço-vos profundamente esta homenagem. É em um momento como este que o professor se sente recompensado pelo seu trabalho. Se só os alunos podem premiar o professor, este fato é mais flagrante no Brasil, onde até hoje não se criou uma profissão de professor de ensino superior. Fato alarmante que as autoridades do País jamais tentaram corrigir de modo efetivo. O professor escolhido sabe que a sua indicação está apenas na vossa generosidade.

É impossível existir uma solenidade de encerramento do curso "Direito, relações internacionais e comércio exterior" sem que se faça menção ao pioneirismo da Fundação Getulio Vargas na pessoa do Prof. Themistocles Brandão Cavalcanti, DD. diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política, quando ousou abrir no Brasil o primeiro curso de pós-graduação na área das relações internacionais. O Prof. Themistocles Brandão Cavalcanti é um dos precursores do direito público no Brasil. O moderno direito administrativo brasileiro teve nele o seu grande iniciador. Creio mesmo que o primeiro grande e moderno tratado de direito administrativo foi de sua autoria, e pelo que tenho ouvido dos especialistas, ainda não foi superado em extensão e profundidade. Entretanto, a sua atividade não se limitou apenas ao direito administrativo, mas vai abranger o direito público: direito constitucional e teoria geral do estado. Faltava o direito internacional público no qual ele penetra com estudo excelente sobre o regime jurídico dos rios internacionais e com a criação deste magnífico curso que ele pretende institucionalizar através do processo de credenciamento em curso de mestrado. Talvez só aqueles que militam há longos anos no campo das relações internacionais dêem o devido valor ao pioneirismo da Fundação Getulio Vargas e ao trabalho do nosso diretor neste setor.

O estudo das relações internacionais tem sido objeto de um cuidadoso abandono no Brasil. Raras são as disciplinas que têm recebido tanta atenção no sentido de não serem estudadas como as relações internacionais. Pode-se dizer que nenhum brasileiro é especialista nesta disciplina. A explicação para este fato não nos interessa mencioná-la agora, mas apenas constatá-la. Entretanto, o importante é que se o Brasil pretende se tornar uma grande potência, há necessidade de se desenvolver o estudo das relações internacionais. O próprio aumento de intercâmbio comercial conduz a esta inelutável conseqüência. É de se recordar um velho princípio de que não há comércio sem política.

As relações internacionais não são hoje um monopólio dos poderes públicos; elas interessam igualmente às grandes empresas brasileiras que se instalam no exterior.

Na realidade, a política como o direito formam uma unidade. A divisão do direito em diferentes ramos é algo meramente didático e o mesmo podemos dizer da distinção entre política nacional e política internacional. Os mais modernos doutrinadores norte-americanos têm salientado que tal separação só existe na cabeça dos que a dizem, e não na realidade. A política nacional e a internacional se interpenetram de tal modo que é extremamente difícil se estabelecer onde uma começa e a outra termina. O que pretendo deixar bem claro é a importância do estudo que foi realizado no curso que se encerra. É inteiramente impossível se estabelecer a realidade de uma unidade nacional se não for esta estudada em um contexto internacional. Nenhum Estado é um Robinson Crusoé. O próprio conceito de Estado só tem realidade dentro de um plano internacional, tendo em vista o que podemos denominar elemento comparativo.

O paraninfo geralmente faz uma profissão de fé otimista, e aqui é que surgiu a maior dificuldade ao preparar estas palavras que tinha por missão vos dirigir. A minha primeira dificuldade é congênita, sou um pessimista e um cético. A segunda era a de escolher um assunto que dissesse respeito a todos: advogados, economistas, politólogos etc., enfim a todos aqueles a que tenho a honra de paraninfar. Dentro destas dificuldades é que escolhi um tema candente nos dias de hoje, mas que diz respeito a todo e qualquer cidadão de qualquer país: os direitos do homem. Enfim, mais uma razão para justificar o meu pessimismo e ceticismo de que vos falava.

Na expressão direitos do homem estão incluídas as grandes aspirações do nosso século. "O homem é um fim em si mesmo", escreveu o grande filósofo Jacques Maritain. Tais direitos constituem preocupação de toda a sociedade internacional. Entretanto, a sua violação é um fenômeno que podemos dizer universal. Como bem salienta o professor da Faculdade de Direito de Paris, Stanislaw Plawski: "Vivemos em uma época desequilibrada. A privação da vida de um homem constitui um crime punido por todos os códigos penais. Em nosso tempo em diversas partes do mundo são efetuados numerosos massacres por motivos raciais, étnicos e políticos. Em diversas cadeias os prisioneiros são submetidos a torturas. Todos estes crimes são cometidos sob a cobertura de governos que assinaram os tratados se comprometendo a respeitar a paz e os direitos do homem." Os autores

destes crimes permanecem sem punição. Esta é uma descrição do panorama mundial. Convenções internacionais têm sido concluídas na ONU e na OEA visando a sua proteção. O Brasil ainda não ratificou estas convenções. Cabe a todos nós a defesa destes textos internacionais. Direitos do homem é civilização. Trata-se de defender direitos que o homem possui pelo simples fato de que ele é um ser humano. Eles devem constituir o objetivo máximo de todo aquele que desempenha uma função no quadro estatal.

A violação dos direitos do homem em relação a um é ameaça feita a todos. Creio que no futuro teremos em nossas universidades, a exemplo do que ocorre no exterior, cursos sobre os direitos do homem de modo que todos venham a conhecê-los e se tornem seus defensores.

É de se salientar que no momento em que um dos supergrandes da sociedade internacional se erige em defensor dos direitos do homem, este tema passa a ser da maior importância nas relações internacionais. O Pres. Carter teve o mérito de dar ao Ocidente uma bandeira na sua defrontação com a União Soviética. Bandeira que nenhum Estado em sã consciência pode renegar e que tem o apoio da opinião pública no interior dos Estados. Nada adianta um desenvolvimento sem direitos do homem. Não interessa um Estado rico com população miserável. Estas afirmações são verdadeiros chavões, mas correspondem ao ideal da doutrina social cristã de tanta importância para nós brasileiros.

Um outro pedido que vos posso fazer é o vosso engajamento no mundo. Lembro-vos uma frase de Simone de Beauvoir: "Só sereis livres quando estiverdes engajados no mundo." O homem só se realiza por meio de ações, isto é, entendendo-se estas no seu sentido mais amplo. Não podereis agir se vos tornardes pessoas alienadas da realidade social, econômica e política brasileira. O que vos peço é participação conforme os ideais de cada um. Não me interessa pregar esta ou aquela política, o que desejo é que não estejais ausente e que defendeis aquilo em que acreditais como justo. Dizia o Pe. Teilhard de Chardin: "Poder mais para agir mais. Agir mais para ser mais." Só podereis atuar no campo das relações internacionais se estiverdes não-alienados da realidade brasileira. Caso contrário, correreis o risco de defenderdes os interesses das grandes potências, e não os nossos. Recordo-vos o que disse um participante de maio de 1968, na França: "Sede realistas, desejai o impossível."

Vivemos em uma sociedade internacional que se pode dizer caracterizada pela *détente,* isto é, uma fase em que os supergrandes se entendem de modo mais profundo do que o fizeram anteriormente. Na verdade, eles sempre se entenderam a ponto de o Prof. Afonso Arinos, com grande experiência em política externa, ter dito certa vez que eles estavam "de acordo no desacordo". O grande conflito atual não é mais o Leste-Oeste e sim o "Norte-Sul", isto é, entre países ricos e pobres. Significa isto que a luta dos países em desenvolvimento torna-se mais árdua nas relações internacionais, no momento em que eles não podem aproveitar da rivalidade entre os supergrandes. As relações internacionais devem ser estudadas cada vez com maior cuidado e profundidade em países como o nosso. A Fundação Getulio Vargas, desejo deixar bem claro, teve o mérito de ter sido

a primeira instituição cultural no país a atentar para a importância das relações internacionais, e me utilizo desta expressão em seu sentido amplo.

Talvez o curso que concluístes não tenha atendido plenamente aos vossos anseios. Na verdade, nenhum curso consegue atender plenamente a estudantes, professores e mesmo à direção. O que significa não uma insuficiência, ou um desleixo, mas sim um ideal de aperfeiçoamento jamais atingido, e é desta insatisfação que nasce o progresso. Estejais certos de que a Fundação vos deu o máximo dentro dos seus recursos. Afirmo-vos que conquistastes o diploma de uma grande instituição cultural, talvez aquela que tenha maior renome dentro e fora do nosso País. Lembrai-vos ainda que vos formastes no curso pioneiro em matéria de relações internacionais, cujo exemplo tem frutificado nas instituições universitárias brasileiras, como na PUC/RJ e na Universidade de Brasília. Coube à Fundação Getulio Vargas o mérito de ter ousado ao inaugurar o seu curso de Direito, relações internacionais e comércio exterior, e vós aí vos formastes, o que creio ser mais um motivo, ao lado de inúmeros outros, que tendes para se orgulhar do diploma que conquistastes.

Queridos formandos, só vos posso desejar: felicidades.



Amedeo Modigliani (40 x 50)

Um bom presente revela sempre a personalidade de quem o envia.
Deve ser nobre, de bom-gosto e, antes de tudo, tornar-se inesquecível. Como as nossas telas.
Reproduções de quadros dos grandes mestres, importadas da Itália, com textura idêntica aos originais, só reconhecidas por especialistas.
Liberte o artista que há em Você.

Vendas com exclusividade:
Livrarias da Fundação Getulio Vargas
RIO: Praia de Botafogo, 188
Av. Graça Aranha, 26 — lojas C e H
S. PAULO: Av. Nove de Julho, 2.029
BRASÍLIA: SCLS, 104 — Bloco A, lojas 27/37

PRESENTEIE COM ARTE